

**A LÍNGUA PORTUGUESA DOS SÉCULOS XV E XVI:  
O PORTUGUÊS PRÉ-MODERNO<sup>1</sup>**

*José Mario Botelho (FFP-UERJ)*  
botelho\_mario@hotmail.com

**RESUMO**

Diferentes propostas para a periodização do português têm sido apresentadas por renomados estudiosos, que procuram identificar os sucessivos ciclos por que passou a língua portuguesa desde sua instituição, com a fundação de Portugal, cujo governo tomou o falar galego-português como sua língua nacional, até a forma camoniana, que se constitui no português moderno. Têm-se reconhecido na história da língua tais ciclos, que se diferenciam por fatores “internos” e/ou “externos” (CASTRO, 1945; CARDEIRA, 2009). Há autores, como Castro (2013; 2006; 1945), Mattos e Silva (2007; 2004; 2001a; 2001b), Bechara (1991; 1985), Said Ali (1965), entre outros, que dividem o português arcaico em duas fases: uma que vai de 1100 até o meado do século XIV e outra que vai dessa data até o surgimento do texto camoniano, no século XVI, e denominam essa segunda fase da Época Histórica de português pré-moderno (ou pré-clássico ou médio). Neste trabalho, far-se-á uma breve análise da ortografia e grafia de um pequeno *corpus* da produção escrita do período compreendido entre o final do século XIV e meados do século XVI, seguida de uma prévia reflexão do que se pode considerar essa segunda fase, em que se dá a emergência de um português pré-moderno.

**Palavras-chave:**

Época Histórica. Português pré-moderno. História da língua portuguesa.

**RÉSUMÉ**

Différentes propositions de périodisation du portugais ont été présentées par des universitaires de renom, qui cherchent à identifier les cycles successifs que la langue portugaise a traversés depuis son institution, avec la fondation du Portugal, dont le gouvernement a pris le galicien-portugais comme langue nationale, jusqu'à la forme camonienne, qui est constituée en portugais moderne. De tels cycles ont été reconnus dans l'histoire de la langue, qui se différencient par des facteurs « internes » et/ou « externes » (CASTRO, 1945; CARDEIRA, 2009). Il y a des auteurs comme Castro (2013; 2006; 1945), Mattos e Silva (2007; 2004; 2001a; 2001b), Bechara (1991; 1985), Said Ali (1965), entre autres, qui divisent le portugais archaïque en deux phases : une qui va de 1100 au milieu du XIV<sup>e</sup> siècle et une autre qui va de cette date jusqu'à l'apparition du texte camonien, au XVI<sup>e</sup> siècle, et ils appellent cette deuxième phase de la période historique de portugais pré-moderne (ou pré-classique ou moyen). Dans cet ouvrage, une brève analyse de l'orthographe et de la façon d'écrire les mots d'un petit corpus de production écrite de la période comprise entre la fin du XIV<sup>e</sup> siècle et le

---

<sup>1</sup> Este artigo foi apresentado ao Departamento de Letras da Faculdade de Artes e Letras da Universidade da Beira Interior (UBI-Pt) como Relatório Final após a realização da minha investigação de Pós-Doutoramento em 30 de abril de 2023.

milieu du XVI<sup>e</sup> siècle, suivie d'une réflexion préliminaire sur ce qui peut être considéré cette deuxième phase, dans laquelle émerge le portugais pré-moderne.

Mots clés :

Epoque historique. Portugais pré-moderne. Histoire de la langue portugaise.

## 1. *Introdução*

Nos estudos de história da língua portuguesa, diferentes propostas para a sua periodização têm sido apresentadas por diversos estudiosos, que procuram reconhecer na história da língua ciclos, que se diferenciam por fatores “internos” e/ou “externos”<sup>2</sup> (Cf. SAID ALI, 1921; 1965; CASTRO, 1945; 2006; 2013; VASCONCELOS, 1956; VASCONCELOS, 1959 [1911]; TEYSSIER, 2004 [1980]; BECHARA, 1985; 1991; MATTOS E SILVA, 2001a; 2001b; 2004; 2007; CARDEIRA, 2009; entre tantos outros).

De fato, esses autores procuram identificar os sucessivos ciclos, por que passou a língua portuguesa desde sua instituição, com a fundação de Portugal, cujo governo tomou o falar galego-português como sua língua nacional, até a forma camoniana, que se constitui no português moderno. Para isso, dividem o português arcaico em duas fases: uma que vai de 1100 até o meado do século XIV e outra que vai dessa data até o surgimento do texto camoniano, no século XVI, e denominam essa segunda fase da Época Histórica de português pré-moderno (ou pré-clássico ou médio).

Carolina de Vasconcelos (1956) propõe uma divisão da fase arcaica em dois períodos: um que inicia no século XII e vai até 1350 e outro, que vai desse século XIV até o século XVI (com a obra de Camões). O primeiro é o período trovadoresco; o de 1350 ao século XVI é o período da prosa histórica, que, para a autora, seria verdadeiramente português (Crônicas de Lopes, da Crônica do Condestável D. Nun'Álvares Pereira e da do Infante Santo, O sacrificado de Tanger). Os autores que, à semelhança de Vasconcelos (1956), dividem o português arcaico em duas fases denominam essa segunda fase de português pré-moderno (ou pré-clássico ou médio).

---

<sup>2</sup> Os fatores internos se referem a características linguísticas, que podem ser observadas nos textos; os fatores externos se referem ao contexto histórico, em que os textos são produzidos.

Essa divisão tem grande importância didática, porquanto consiste em dar um tratamento diferenciado aos textos desse segundo período da fase arcaica – período intermediário –, uma vez que esses textos não são propriamente do galego-português – português arcaico –, nem do português moderno. De fato, tais produções são de um português pré-moderno, que se apresentam com características de ambos e refletem a transição linguística por que passou a língua portuguesa em sua formação, mais propriamente escrita. Por exemplo, na Carta do Papa Nicolau IV, enviada aos eclesiásticos e a D. Dinis em 1290, confirmando a fundação do Estudo Geral das Ciências de Lisboa, ou na carta de D. Dinis aos Alvazis de Santarem e sesmeiros da Povoia da Tavega, em português arcaico, em 1316?, ou nos poemas da poesia palaciana (os escritos em português arcaico, uma vez que alguns foram escritos em castelhano), do Século XV, ou outros tantos documentos, que nos legaram os escritores do final da denominada fase arcaica, podem-se observar características tanto do galego-português (português arcaico) quanto do português moderno.

Neste artigo, far-se-á uma breve análise da ortografia e grafia de um pequeno *corpus* da produção escrita do período compreendido entre o final do século XIV e meados do século XVI, seguida de uma prévia reflexão do que se pode considerar essa segunda fase, em que se dá a emergência de um português pré-moderno. Nesse período, como observa Haug (1989, p. 20), “com o desenvolvimento da prosa histórica, é que a ‘linguagem’ adquiriu características essencialmente portuguesas”. Ou seja, o galego-português, utilizado no novo Reino de Portugal por volta do século XV, se destaca como o galego-português de Portugal ou propriamente a língua de Portugal. Não se quer dizer, com isso, que se caracterizavam como duas línguas diferentes, mas que já se podiam notar particularidades linguísticas na língua adotada em Portugal, embora a unidade linguística ainda fosse a mesma, como comenta Silveira Bueno (1955):

Se assim se constituía o novo reino, a nova nacionalidade, continuava, porém, a unidade linguística a ser a mesma com Galiza. É o grande traço de união entre as duas partes. O Minho, separando os territórios, começa a separar também a primitiva unidade, criando o binômio *galego-português* que será, até o século XV, uma das expressões mais apreciadas do lirismo medieval.<sup>3</sup> (SILVEIRA BUENO, 1955, p. 61)

---

<sup>3</sup> Desta citação, depreende-se também que o termo “galego-português” só começou a ser usado após a criação do Reino de Portugal, o que sugere, que até então, a unidade linguística que se impunha em toda a extensão das terras desde a Galiza ao Portugal de Dom Afonso Henriques (Afonso I) ou era denominado “galego” ou não tinha nenhuma deno-

Fato é que os sistemas linguísticos da região fronteira entre o novo Reino de Portugal e a Galícia já apresentavam diferenças desde o século XIII, como bem observa Cardeira (2015):

No tocante à situação linguística, em primeiro lugar cumpre referir que, segundo Clarinda Maia (1997: 886) e Ramón Mariño Paz (1998: 82), desde a segunda metade do século XIII que se observam já traços diferenciadores dos sistemas linguísticos a norte e a sul do Minho, embora seja só a partir do século XIV que tal diferenciação se acentua. (CARDEIRA, 2015, p. 79)

Acrescenta-se, ainda, a ideia de que o galego, durante séculos desenvolveu-se no quadro de um processo de expansão da língua castelhana, enquanto a língua portuguesa, liberta das amarras castelhanas, desenvolvia-se normalmente, desde o século XIII. Não se pode ignorar que a “língua” galega, predominantemente oral, fora relegada a uma situação servil politicamente de outros reinos – de Leão, até 1230, e de Castela, até praticamente 1516, quando, enfim, nasce a Espanha.

Corroborando Teyssier (2004 [1980]), Cardeira (2020) enfatiza a ideia de uma relatinização da língua, que se intensificou a partir do final do século XV, principalmente na obra de Camões no século XVI:

Teyssier aprofunda mais o tema, fazendo notar que «o recurso a empréstimos feitos diretamente ao latim ascende a época muito remota e nunca deixou de ser praticado», embora este processo de enriquecimento lexical se tenha tornado «particularmente intenso no século XV, com a prosa didática e histórica, e no século XVI, em consequência das tendências gerais do Renascimento humanista» (1982: 33). (CARDEIRA, 2020, p. 37)

Não se pode duvidar, de fato, é que a separação entre o galego-português da Galiza e o de Portugal se deu por um desenvolvimento político e sentimento nacionalista de Portugal.

Em nossa literatura, podemos constatar que até o século XIV, em plena fase, arcaica do período histórico, é o galego-português a “língua” utilizada nas comunicações e expressões oral e escrita em todo o Portugal, e exclusiva da poesia lírica do Trovadorismo português e em toda a península. Também podemos constatar que a unidade linguística do, até então, romance galaico-português, utilizado como expressão e comunicação na Galiza e em Portugal, começa a se cindir nesse século XIV e evolui para um galego-português particular dos portugueses, que se efetiva como língua portuguesa no século XVI, quase no limiar da época moderna, com a publicação de “Os Lusíadas” (1572).

---

minação específica. Silveira Bueno parece estar alinhado à tese de que o galego, e não o romance galaico-português, era a linguagem de comunicação do Condado Portucalense.

É nessa época que a unidade linguística do galego-português, que já era considerada a língua de Portugal, portanto, a língua portuguesa, mostra-se abalada, em decorrência do contato com as “línguas” moçárabes desde 1255, quando D. Afonso III instalou-se em Lisboa e a tornou capital do país. Desde essa época, a língua portuguesa, ou melhor, o galego-português, ia-se “espalhando pelas regiões meridionais, que até então falavam dialetos moçárabes. Lisboa, a capital definitiva, situava-se em plena zona moçárabe” (TEYSSIER, 2004, [1980], p. 26), no centro do país, onde o processo de influência linguística moçárabe se deu e se espalhou para o Sul. A Galiza permaneceu praticamente isenta do contato com a cultura moçárabe. Logo, com a influência desses “dialetos” meridionais moçárabes que praticamente definiam a fonética portuguesa, a qual já se distinguia da Galiza, o galego-português se particularizava em Portugal e se tornava a língua portuguesa em si.

Constata-se, numa análise atenta de textos escritos daquela época, que são muitas e de diferentes naturezas as particularidades do português, que afloraram no final da fase arcaica – uma fase arcaica média ou intermediária, cuja data não se pode precisar, mas que se pode elucubrar como sendo entre o meado do século XIV e final do século XV (ou início do século XVI). Até porque “uma língua não nasce em dia e hora certa, nem evoluciona, num momento, de um estado a outro” (VASCONCELOS, 1956, p. 18).

Barbosa, Lima e Marcotulio (Cf. p. 77. In: OSÓRIO, 2018), reconhecendo que a ortografia é uma das principais preocupações da padronização renascentista, apostam na seleção e organização de *corpora* capazes de constituir um modelo para novas análises. Os autores adotam o controle gráfico prescrito em Barros (1540a) sobre o *Diálogo da Viçiosa Vergonha*, em três momentos distintos: no período medieval, na primeira metade do séc. XVI e na segunda metade do século XVI, procurando distinguir entre padrões que representam continuidade e padrões que representam uma ruptura em relação ao modelo medieval.

Comentando sobre os dois períodos a que se refere Teyssier em seu *História da língua portuguesa* (a saber, o “arcaico”, que vai até Camões, e o “moderno”, que começa com ele), e que representam a proposta corrente nos muitos tratados, Evanildo Bechara (1985, p. 7)<sup>4</sup> nos alerta

---

<sup>4</sup> Tese de concurso para Professor Titular de Língua Portuguesa da Universidade Federal Fluminense (inédita), na qual o autor discorre sobre as tradicionais fases da língua portuguesa na tentativa de proposta de nova periodização.

para o fato de “que quem lida com textos antigos, lendo-os cronologicamente, percebe com facilidade o quanto elástico se mostra esse período arcaico, em cujo espaço se compreendem fenômenos linguísticos tão distintos”.

Também Bechara (1991) comenta sobre a fase arcaica média, afirmando que “esta fase se caracteriza pelo seu aspecto de transição, onde alguns fenômenos correntes na fase anterior, ainda que persistindo, já denunciam acentuada tendência de mudança” (BECHARA, 1991, p. 69-70).

Numa versão de Beatriz Peña Trujillo (2013) para o espanhol de *Introdução à história do português*, Ivo Castro acrescenta um quarto Capítulo “Português Médio” (“português médio ou intermediário”), em que o autor se pergunta “Transição ou crise?” (“¿Transición o crisis?”), e afirma que o português médio seria um período de mudança do antigo para o clássico (ou moderno), caracterizando a língua como “uma longa transição desde a língua medieval para uma plataforma estável e clássica”. Depreende-se, pois, que também Ivo Castro concebe um português antigo e um moderno, sendo que entre eles houve um português intermediário, em que se deu uma transição de duração acentuada.

Embora Castro (2006) considere que esse português médio seja um período curto, que não ultrapassa a primeira metade do século XV, observa que nele se define uma nova língua literária, livre do galego-português e da língua dos Cancioneiros. Para Castro, é nesse período que se resolvem certos processos evolutivos, que se podiam observar, transformando estruturas morfossintáticas e configurando uma nova língua.

Por conseguinte, procuramos direcionar o foco para o período, em que, corroborando Said Ali (1965), Bechara (1991; 1985) e Mattos e Silva (2007; 2004; 2001b) e considerando a proposta de Ivo Castro (2013 por TRUJILLO), esse português antigo se caracteriza como “português pré-moderno” e se podem constatar suas particularidades. Duas peculiaridades desse português pré-moderno, que serão destacadas neste estudo, são o léxico e o padrão ortográfico dos vocábulos, utilizados pelos escritores da época.

Para identificar tais elementos caracterizadores desse português pré-moderno, textos dos séculos XIV, XV e XVI – pelo menos, dois produtos de cada um desses séculos –, em cotejo com textos mais antigos, foram consultados. Logo, o *corpus* da pesquisa compõe-se de

textos representativos do período compreendido entre o início do século XIV e o meado do século XVI.

## **2. Sobre o objetivo da pesquisa**

Neste breve artigo, enfatizarei alguns aspectos fonéticos em textos do português medieval, que se efetivam na sua grafia, e a formação de seu vocabulário, para reconhecer a emergência de uma língua portuguesa pré-moderna, que julgo se processar entre o final do século XIV e início do século XVI, corroborando a proposta de Cardeira (Cf. 2006, p. 44-56).

Como previamente foram analisadas algumas cantigas trovadorescas do final do século XIII e século XIV, alguns textos em prosa e outros em poesia dos séculos IV e XV e início do século XVI, pude perceber que há diferenças linguísticas significativas entre as produções do período inicial da fase arcaica (até o final do século XIV) e as do início da fase moderna. Tais diferenças, contudo, não são tão acentuadas quando o cotejo se processa, considerando as produções do período final da denominada fase arcaica, que venho considerando uma fase intermediária entre a fase arcaica e a moderna, mais propriamente entre o final do século XIV e meados do século XVI. Os textos, pois, não são propriamente do galego-português – português arcaico –, nem do português moderno; as suas estruturas sintáticas, as representações gráficas para os seus fenômenos fonéticos e o seu vocabulário se apresentam com características de ambas as formas de comunicação desse período histórico da língua portuguesa. São textos que refletem a emergência de uma nova língua portuguesa, que considero um português pré-moderno.

Em síntese, o objetivo desta breve pesquisa é especificamente o de identificar, na língua portuguesa do final da fase arcaica – o galego-português –, a grafia das palavras e o seu vocabulário, tomando como escopo textos escritos na época por diferentes escritores lusitanos, nos diversos estilos literários. Em seguida, analisar os dados levantados para a elaboração de uma proposta para a reformulação teórica acerca dos estudos sobre a língua portuguesa do referido período, considerado por muitos estudiosos como um momento ainda da 1ª fase da Época Histórica (a fase arcaica, cuja periodização consagrada é aquela que vai do séc. XII ao séc. XVI) e por outros tantos como um momento pré-moderno (ou a 2º período da fase arcaica).

### 3. *O vocabulário amalgamado do galego-português*

Pode-se dizer que o vocabulário do galego-português, inicialmente, constituía-se de um amálgama lingüístico do vocabulário do latim corrente da Galiza e da Lusitânia, que, segundo Vasconcelos (1956, p. 20), “em geral todas as formas estão mais próximas do latim vulgar. São mero reflexo delas”.

Mais tarde, a partir do século XIII, enriqueceu-se com inúmeros galicismo e provençalismo por conta do contato dos trovadores com as poesias francesas e provençais, especialmente as cantigas de amor. Predominava, até então, um léxico de origem popular; poucos eram os vocábulos eruditos e/ou semieruditos, embora fazer empréstimos diretamente do latim já fosse uma prática desde épocas mais remotas; até mesmo os documentos oficiais e particulares (testamentos, títulos de venda etc.), que começaram a surgir no início do século XIII, eram escritos em “língua vulgar”, como observa Vasconcelos (1956):

[...] na linguagem arcaica dos trovadores não havia vocábulos eruditos. Apenas alguns provençalismos, francesismos e galeguismos [...] No imediato, no período da prosa nacional, já houve enorme confusão. Havia já palavras eruditas, extraídas do dicionário latino ou helênico, não alteradas na boca do vulgo. E essas entravam em geral com todas as letras originais, tanto na prosa de notários, eclesiásticos, arqueólogos, historiadores, como nos versos dos poetas antigos do século XV – até com letras que em português nunca tiveram função privativamente sua. (VASCONCELOS, 1956, p. 37)

Cardeira (2013) observa que após o período trovadoresco seguiu-se, em Portugal, um século sem atividade lírica significativa, mas que a tradição literária dos cancioneiros tem continuação em Castela e Aragão e que os portugueses mantinham contato com as obras dos seus vizinhos:

[...] vários [autores portugueses] participaram nos cancioneiros castelhanos do século XV; sabe-se que o Infante D. Pedro era admirador de Juan de Mena e que ao Condestável D. Pedro eram familiares os poetas aragoneses, como se vê na Carta que lhe envia o Marquês de Santillana. O acordo de paz firmado em Alcáçovas entre Afonso V e os Reis Católicos em 1479 e as negociações diplomáticas (as terçarias de Moura) fomentaram o intercâmbio entre Portugal e Castela, promovendo a penetração da língua e cultura castelhanas na corte portuguesa, e a moda de colecionar a poesia cortesã, que se materializa no Cancionero de Baena (Juan Alfonso de Baena, 1445) e no Cancionero General (Hernando del Castillo, 1511), viagem de Espanha para a corte portuguesa. (CARDEIRA, 2013, p. 3)

Por volta do século XV, entretanto, o léxico, já renovado pela latinização, e pelo contato com a língua castelhana, que era uma segunda



língua literária, apresenta-se enriquecido e semelhante ao léxico do português moderno. Nesse período, também ocorreram mudanças de ordem gramatical e muitas formas novas, atualizadas por processos sistemáticos, coocorrem com formas eruditas e semieruditas.

Quanto à fonética, a diferença entre o galego-português (do século XIII) e o português moderno é flagrante e basta comparar a ortografia, que normalmente é a representação gráfica dos sons (fonemas) – a saber, a ortografia arcaica era fundamentalmente fonética com raros traços etimológicos –, utilizada nos textos dos séculos XIII-XVI, para constatar as suas particularidades. Não raro, os escribas e os escritores grafavam um mesmo som de formas variadas ou de uma mesma maneira sons diferentes, como se podem identificar nos exemplos supracitados; até num mesmo texto, na tentativa de representar os fonemas com letras (ou símbolos gráficos), cometiam “falhas”, que se multiplicavam à medida que os textos iam sendo produzidos. Contudo, como afirma Teyssier (2004 [1980], p. 29), “apesar de suas imprecisões e incoerências, a grafia do galego-português medieval aparece como mais regular e ‘fonética’ do que aquela que prevalecerá em português alguns anos mais tarde”.

Barbosa, Lima e Marcotulio (In: OSÓRIO, 2018), considerando o controle gráfico prescrito em Barros (1540a) sobre o *Diálogo da Viçiosa Vergonha*, sinalizam padrões que representam ao mesmo tempo uma relativa continuidade e uma ruptura em relação ao modelo medieval, que se podem observar na primeira metade do séc. XVI (fase inicial da normatização portuguesa do século XVI, na gramática de Barros (1540b) e a norma praticada na época com um diálogo desse mesmo autor), e na segunda metade do século XVI. Para o cotejo, os referidos autores lançaram mão de: “(i) um diálogo medieval modelar a manuscritos como ele numa fase sem impressos (Dialogos de São Gregório, edição de Machado Filho, 2008); e (ii) outro da segunda metade do século XVI, impresso humanista modelar a manuscritos (Dialogos de varia historia, de Mariz, 1594)” (BARBOSA; LIMA; MARCOTULIO. In: OSÓRIO, 2018, p. 84).

Não definiram, contudo, um fenômeno linguístico, mas optaram pela grafiação alfabética, porquanto seu objetivo primário foi o de estudar a difusão da normatização em si no século XVI, e também o de deixar um conjunto de *corpora*, construído sob critérios externos, em que puderam observar um controle de continuidades e rupturas desde a fase medieval até a segunda parte do século XVI. Todo o trabalho se deu com o

mesmo número de palavras (cerca de 5000) nos respectivos *corpora* modelares.

O estudo de um fenômeno linguístico aqui cumpriria esse papel em relação à mudança de normas de usos em textos-modelo em reflexo ao início da normatização em obras gramaticais, mas, como a seleção dos textos modelares parte de um critério externo, o fato sócio-histórico de se lhes ser conferido caráter de referência das normas mais eruditas de escrita à época, buscamos lançar mão de um objeto também externo à estrutura morfossintática e que interage com o plano simbólico da língua em sociedade. Por isso, baseados na experiência com aspectos grafemáticos em estudos para outros fins, trabalhamos com grafias etimológicas e índices grafonéticos para o cruzamento entre os *corpora* central e complementar de nossa investigação. (BARBOSA; LIMA; MARCOTULIO. In: OSÓRIO, 2018, p. 84-5)

Convém ressaltar que a gramática de Barros (1540b) é a “primeira proposta ortográfica para o português, com regras sucessivas e sistemáticas para o uso de cada ‘letera’” (MATTOS E SILVA, 2002, p. 49). Também se pode observar que há um conteúdo ortográfico ao final da gramática. E sendo a ortografia um dos problemas centrais dos gramáticos renascentistas, supõe-se, como também acreditam Barbosa, Lima e Marcotulio (In: OSÓRIO, 2018, p. 84), que “se trata de um conteúdo que depende de um conhecimento linguístico a priori para a promoção da arte de escrever” (BARBOSA; LIMA; MARCOTULIO. In: OSÓRIO, 2018, p. 87).

Barros (1540b), na seção “Orthografia”, informa que procurou ser breve e claro, não indo além do que é necessário, pois o estudo se destinava a iniciantes. A seu ver, “orthografia” é a “ciência de e[sc]reuer dereitamente” (BARROS, 1540b, p. 40). Após essa definição de Ortografia, inicia o estudo com a apresentação das “leteras” portuguesas: as vogais (que teriam sons próprios – as soantes) e as consoantes (soariam apenas com a presença das vogais). As consoantes organizam-se em dois grupos, segundo Barros: as mudas (<b>, <c>, <d>, <f>, <g>, <p>, <q>, <t>) e meias vogais, que se colocam entre vogais (<l>, <m>, <n>, <r>, <ŷ>, <x>, <z>), sendo as três primeiras, um subgrupo das líquidas (<l>, <m>, <n>).

Barros também anuncia certas “regras de orthografia”, que se podem resumir assim: 1) Escrever conforme a pronúncia; 2) Não terminar uma palavra ou sílaba com consoantes mudas; 3) Uso de letras “dobradas”, restrito às “semivogais” (<l>, <m>, <n>, <r>, <s>); 4) Na divisão de sílabas com letras dobradas, cada uma fica em uma sílaba; e 5) Sistematização do plural de palavras terminadas em (<am>, <om>, <em>, <im>).

Em seguida, apresenta outras tantas particularidades das vogais e das consoantes, que não carecem de destaque, por serem do conhecimento comum.

Em síntese, comparando os sistemas ortográficos antigo e moderno da língua portuguesa, convém destacar o fato de o português antigo possuir quatro consoantes africadas – representadas graficamente por <c>, <ç>, <z>, <s> e <ss> –, as quais não se mantiveram, com exceção da africada palatal surda [tʃ], que permaneceu no falar de Lisboa até o século XVIII e que, também, ainda se encontra no Nordeste continental, com a grafia *ch* da fricativa palatal correspondente [ʃ], que se grafava com *x*. As duas fricativas ápico-alveolares [s, z], grafadas *s* ou *ss*, que ainda se encontram nos dialetos do Nordeste continental, deixaram de ser usadas por volta do século XVI.

Convém, ainda, destacar os diferentes modos de se grafarem as vogais, mormente <i> e <u>, que ora representavam um fonema vocálico, ora um fonema consonântico, em concorrência com outros grafemas (*y, j, v*) e os ditongos nasais como em “*vam*”, “*erã*”, “*partiçoens*”, “*razom*”, “*são*”, *muy*. Ademais, a representação gráfica da nasalidade é, até o século XVI, algo intrigante, pois o usuário a efetivava por motivos vários: conhecimento etimológico, sentimento fonético, estilo, desejo de ser o modelo, arbitrariedade tão simplesmente, desconhecimento completo do fenômeno... Essa nasalidade das vogais é frequentemente indicada pelo til (˜), notação léxica, ou pelas consoantes nasais *m* e *n* (Ex.: *cãaes*; *grã*, *gram*, *gran*, *difinçám*, *me dan*, *môtes*, *em*, *ben*, *ênos*, *linhagêes*, *ïde*, *quinto*, *quynto*, *Cojmbra*, *homêes*, *toom*, *nom*, *non*, *nõ*, *noõ*, *hũa*. *hũu*, *nêguũ*, *mundo*). Essa notação léxica também podia indicar uma abreviação como em “*q̃*” (“*que*”), “*q̃l*” (“*qual*”) ou “*ḡgãõ*” (“*pagão*”), “*aḡ flandoflê*” (“*apressando-se*”), o que nos faz pensar que, sobre as vogais, também indicaria uma abreviação – a supressão de um “*m*” ou “*n*”.

Embora ainda se identifiquem, nas composições do referido português pré-moderno, tais confusões na grafia dessas consoantes africadas, bem como na grafia de outras consoantes e vogais (incluindo as que são consuetudinariamente denominadas semivogais), uma regularização gráfica de determinados fonemas já se podia sentir, o que aponta para uma tendência a se criar um padrão, já que até então se impunha uma hesitação natural, causada pela falta de uma tradição ortográfica naquela época.

#### 4. *Hipótese acerca da flutuação gráfica do português arcaico*

A dificuldade de se estabelecer uma padronização estrutural, referente à ortografia no português medieval, deve-se ao fato de não existir, até o século XVI, uma tradição gramatical essencialmente portuguesa (ou galaico-portuguesa). No entanto, como já se pode sentir uma relativa regularidade na ortografia, de produções escritas entre os séculos XV e XVI, pensamos na hipótese de se estar, nesse período, estabelecendo-se um padrão linguístico português – a língua portuguesa propriamente dita –, que muito se assemelha ao padrão linguístico do português moderno (ou clássico), cujo marco divisório tem sido tradicionalmente atribuído à publicação das duas gramáticas da língua portuguesa (a de Fernão de Oliveira, em 1560, e a de João de Barros, em 1540b) e “Os Lusíadas” (1572), de Camões.

Decerto, a ortografia dos textos produzidos na primeira fase do Período Histórico – a Fase Arcaica – como observa Teyssier (Cf. 2004. p. 29-35), mostra-se característica:

Apesar de suas imprecisões e incoerências, a grafia do galego-português medieval aparece como mais regular e ‘fonética’ do que aquela que prevalecerá em português alguns anos mais tarde. (TEYSSIER, 2004 [1980], p. 29)

Somada ao fato de se poder observar a emergência de um padrão linguístico particularmente português no galego-português do final da fase arcaica, constata-se um evolutivo enriquecimento do seu léxico por volta do século XV. Tudo isso, pois, reforça a hipótese de o período compreendido entre os séculos XIV e XVI, em que o galego-português sofreu uma série de transformações morfossintáticas e fonéticas (Cf. VASCONCELOS, 1956; SAID ALI, 1965; TEYSSIER, 2004 [1980]; BECHARA (1985; 1991); MATTOS E SILVA, 2007; 2004; 2001b; CASTRO (2013), ser o momento inicial de um “português pré-moderno”.

#### 5. *Coleta de dados e um esboço de análise da ortografia do português pré-moderno*

Como já foi dito, é grande a dificuldade de se estabelecer um padrão na grafia das palavras do português medieval, em que ainda não se estabelecera uma ortografia, por falta de uma tradição gramatical essencialmente portuguesa até o século XVI. Contudo a hipótese de tal padrão estar estabelecendo-se por volta do século XV, emerge durante o

cotejo dos vários exemplos transcritos da produção textual dos séculos XIV e XVI. Daí, a importância do esboço de análise da grafia desses fragmentos, que compõem os dados coletados.

Nas produções escritas da fase arcaica, podem-se constatar diferentes situações na sua “ortografia”: no primeiro momento da fase arcaica, as imprecisões e incoerências da grafia do galego-português medieval eram menos incidentes do que as do meado para o final dessa fase; nele, a grafia se mostra mais regular e fonética do que a que se verifica alguns anos mais tarde (Cf. TEYSSIER, 2004 [1980]), que só aponta para um padrão gramatical no final da fase arcaica.

Eis uns trechos do galego-português do século XIII:

- (01) “E rogo e prego meu senior o apostoligo e beigio a t(er)ra ante seus péés q(ue) pela sa santa piadade faza aq(ue)sta mia mada séér (con)p(ri)da e aguardada, q(ue) nenguu nõ agia poder de uinir (con)t(ra) ela. (Testamento de D. Afonso II. Séc. XIII. In: COSTA, 1979)
- (02) “...Ca me fazen én sabedor / de vós que havedes bon sén/ de foder e de todo bem.” (Afonso Eanes de Coton. Cantiga de Escárnio e Maldizer, Séc. XIII)
- (03) “... e meu amor / será-vos d’escusar peyor” (Dom Dinis. Cantiga de Amor nº XXVIII, Séc. XIII)
- (04) E pelo mesmo modo mandamos, que os Estudantes Artistas, Canonistas. Legistas e Medicos, que os Mestres reputarem idoneos, possuão receber o grao de Licenciados nas sobreditas Escolas pelo Bispo, que pro tempore for de Lisboa, ou pelo Vigairo, que Sede Vacante for pelo Cabido in spiritualibus eleito. (Carta enviada a D. Dinis do Papa Nicolau IV em 1288. Séc. XIII *apud* RIBEIRO, 1871, p. 419)
- (05) “Quando eles chegarom azabadia, levarom Lançarot pera ùa camara e desarmarom-no. E veo a ele a abadessa com quatro donas, e adusse consigo Galaaz. Tam fremosa cousa era *que* maravilha era! E andava tam bem vestido que nom podia milhor.” (Demanda do Santo Graal. Séc. XIII-XIV *apud* MAGNE, 1955)

Nesses cinco exemplos, da prosa e da poesia do meado do século XIII para o século XIV, pode-se perceber certa flutuação na grafia, principalmente nas vogais nasais: *ante*, *mãda*, *nõ* (01), *fazen*, *én*, *bom*, *bem* (02) e *mandamos*, *reputarem*, *posuão* (04) e *Quando*, *chegarom*, *levarom*, *ũa*, *com*, *Tam*, *nom* (05), ora se grafam com “m” ou “n”, ora com “~” e ainda há casos em que o til e a consoante nasal coocorrem. Também se pode perceber a repetição da vogal em (01): péés e nenguu (01) e a tendência à abreviação do “q(ue)”, que no século seguinte vai ser mais incidente com um traço ou o til marcando a abreviação (“q̄” ou “q̃”). Ainda se podem observar as interessantes grafias do ditongo nasal em (04): *posuão* e em (05) *desarmarom*, *tam* e *nom*, e a crase de *aa*, sem a contração, em (05).

De fato, grafava-se um mesmo som de formas variadas ou grafavam-se, de uma mesma maneira, sons diferentes, e isso se repetia nos textos que se produziam na época.

Observemos, agora, uns trechos do galego-português (ou o emergente português pré-moderno) dos séculos XIV-XV:

- (06) “Esto durou grã dia antre eles, porque as azes dos mouros se refrescauã e hi moreo grandes gentes. (Anônimo. Batalha do Salado, 1340?. In: Nobiliário do Colégio dos Nobres *apud* HAUY, 1989, p. 102)
- (07) “Este ryo Tanaiz nace ãnos môtēs Ripreos e he marco antre Assya e Europa e entra ãno gran mar Ouciano.” (Pedro Afonso. Crônica de Espanha. Cap. Quarto. 1344)
- (08) “E tynham sse por muy emganados porque de começo o nom emtenderom como estonções, ca outro consselho teuerom em ello.” (General Estoria de Afonso X. Séc. XIV *apud* LEITE, 2012, p. 293)
- (09) “Esta he a man.ra q̄ parceo. a v.co da gama q̄ deue teer p.er daluarez em sua yda prazemdo a noso sr.” (Vasco da Gama, 1495. In: CAMARGO, 1966, p. 484)
- (10) “E tanto quifto falou, / hũa nuem o cobrio, & afsy ffe transluzio, / que os olhos me cegou.” (Danrrique da Mota. In: RESENDE, Garcia de. Cancioneiro Geral. 1817, p. 224)

No início do século XIV, ainda há uma indecisão na grafia da nasalidade, por exemplo, como em: *refrescauã* e *grã* (06) e *gran* (07), *gentes* (06), *ãnos* (07), *tynham*, *em* e *emtenderom* (08), *em* e *prazemdo* (09). Contudo, o encontro “an”: *antre* e *grandes* (06), *antre* (07), *tanto* e *transluzio* (10).

Ainda nesse período, há uma indecisão quanto a grafia do fonema /S/, que se grafava com “s, ss, f, fs, ff, c ou ç” como em: *Esto* (06), *Este*, *nace*, *Assya* e *Ouciano* (07), *sse*, *começo*, *estonções* e *consselho* (08), *Esta*, *parceo*, *sua* e *nosso* (09), *quifto*, *afsy*, *ffe*, *transluzio* e *cegou* (10). Também coocorrem o “y” e o “i” – grafemas vocálicos – e a abreviatura “q̄”.

Grosso modo, já se pode perceber certo padrão ortográfico no final desse século XIV, em que se torna recorrente a grafia de uma série de palavras. Logo, a grafia das palavras no início do século XV é marcada por uma relativa padronização, apesar de ainda ser irregular, como se pode observar nos seguintes trechos de textos do século XV e meados do século XVI:

- (11) “Eo capitã mandou aaquele degradado aº rribeiro e aoutros dous degradados que fosem amdar la antreles e asy adº dijz por seer home[m] ledou com que eles folgauam.” (CAMINHA, 1500. In: CORTESÃO, 2003)

- (12)“Cada hũ destes reyes tẽ sua dama, à do nome chamam Pronome, & à do uerbo, Auçrbio.”  
(João de Barros, “Difinçãm da Grãmatica e as pãrtes della”, 1540b)
- (13)“Os mininos desta casa acostumavãõ cantar pelo mesmo toom dos Indios, e com seus instrmentos, cantigas na lingua em louvor de N. Senhor, com que se muyto athrahiãõ os corações dos Indios [sic] (NOBREGA, 1552 *apud* LEITE, 1954, p. 374)
- (14)“As armas & os barões aßinalados./ Que da occidental praya Lußitana,/ Por mares nunca de antes nauegados./ Paßaram ainda além da Taprobana,/ (...)” (CAMÕES, 1572, p. 4)
- (15)“Hum baraõ sapiente, em quem. Talia./ Poz seus thesouros, e eu minha sciencia./ Defender tuas obras poderia./ He justo que a escriptura na prudência/ Ache sua defensam; porque a dureza/ Das armas, he contraria da eloquencia: (...)”(CAMÕES, 1576? *apud* CINTRA, 1922, p. 50)

## **6. Considerações finais**

Certamente os textos das fases arcaica e moderna apresentam características morfossintáticas e fonéticas particulares, o que as torna distintas, como observaram os diversos e renomados autores em suas propostas de periodização da língua portuguesa. Também não se pode negar que os textos do final da fase arcaica, mais propriamente por volta do meado do século XV até o início do século XVI, assemelham-se aos textos produzidos no início da fase arcaica e aos do início da fase moderna, embora não sejam propriamente do galego-português – português arcaico –, nem do português moderno. São, portanto, textos que refletem a emergência de uma nova língua portuguesa (ou uma nova fase dentro da arcaica, que normalmente assim se denomina), a qual se pode considerar um português pré-moderno.

Numa prévia leitura crítica de textos poéticos e prosaicos desses diferentes momentos históricos do português, pôde-se constatar que, nessa língua emergente do final da fase arcaica, as representações gráficas para os respectivos fenômenos fonéticos e os seus respectivos vocabulários se apresentam com características de ambas as formas de comunicação desse período histórico da língua portuguesa. Ou seja, a forma de representações gráficas de seus fenômenos fonéticos e o seu vocabulário muito se assemelham à forma de representações gráficas e ao vocabulário tanto da fase arcaica quanto da fase moderna. O que nos faz conceber a necessidade de uma reflexão acerca da periodização que se consagrou em nossa literatura, por ter sido aceita e divulgada ao longo do tempo. E, se tal periodização for, de fato, necessária e útil para os estudos de história da língua portuguesa, que se reserve um momento

compreendido entre o século XV e o século XVI para os estudos da língua, que nos parece conveniente denominar português pré-moderno.

De fato, defendo a ideia de que o vocabulário e a ortografia comuns da época apontam para a existência desse português pré-moderno, o que respalda a hipótese apresentada e justifica o objetivo deste artigo.

Logo, com a efetivação do que propõe o referido artigo – que é o resultado preliminar de um projeto mais amplo e que está a se desenvolver –, espero ter conseguido identificar e caracterizar a especificidade gráfica das palavras do português “pré-moderno” e o seu vocabulário, a partir de textos escritos por diferentes escritores portugueses da época, nos diversos estilos literários. Acredito que esse banco de dados será o escopo ideal para a análise e posterior elaboração da reformulação teórica acerca dos estudos sobre as características dos textos em português, que fora utilizado por portugueses entre 1350 e 1540, que não são propriamente do que vem sendo denominado galego-português – português arcaico –, nem do português moderno, porquanto se apresentam com características de ambos.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BIBLIOTECA NACIONAL DE PORTUGAL. [Textos literários em prosa e verso, cartas régias e de altas personalidades, discursos, linhagem de famílias de Portugal, e dois obituários]. 15001–1550. Disponível em: <https://purl.pt/16445>.

BECHARA, Evanildo. As fases da língua portuguesa escrita. In: KREMER, D. (Ed.). *Actes du XVIII Congrès International de Linguistique et de Philologie Romanes*. V. 3. Tübingen: Max Niemeyer Verlag, 1991. p. 68-75

BARBOSA, Afranio Gonçalves; LIMA, Alexandre Xavier; MARCO-TULLIO, Leonardo Lennertz. Da Idade Média ao século XVI: a difusão de grafias etimológicas e de índices grafofonéticos na norma grafemática quinhentista portuguesa. In: OSÓRIO, P. (Org.). *Linguística Histórica e História do Português*. Das Origens ao Século XVI. Salamanca: Luso-Espanhola de Ediciones, S.L, 2018.

\_\_\_\_\_. *As fases da língua portuguesa (na tentativa de proposta de nova periodização)*. Niterói: UFF, 1985. (Inédita)



BARROS, João de. Cartinha com os preceitos e mandamentos da Santa Madre Igreja, 1. ed. Lisboa: Luís Rodrigues. Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, 1539. Disponível em: [https://objdigital.bn.br/acervo\\_digital/div\\_obrasraras/or814512.pdf](https://objdigital.bn.br/acervo_digital/div_obrasraras/or814512.pdf).

\_\_\_\_\_. Dialogo da uiçiosa Vergonha. Olyssipone: apud Lodouicum Rotorigi[u]m, 1540a. Disponível em: <https://purl.pt/12147>.

\_\_\_\_\_. *Grammatica da lingua portuguesa*. Olyssipone: apud Lodouicum Rotorigi[u]m, Typographum, 1540b. Disponível em: <http://purl.pt/12148>.

BIBLIOTECA REAL DE PARIS. *Leal Conselheiro e Livro da Ensinança de bem cavalgar toda a sella, escritos pelo senhor Dom Duarte, Rei de Portugal e Senhor de Ceuta*. Lisboa: Typographia Rollandiana, 1843. Disponível em: [https://archive.org/details/Leal\\_ConselheiroIntegral/page/n51/mode/2up](https://archive.org/details/Leal_ConselheiroIntegral/page/n51/mode/2up)

BOTELHO, José Mario. *História externa da língua portuguesa e a formação de seu léxico*. Rio de Janeiro: Augrafia, 2023.

CAMINHA, Pero Vaz de. *Carta de Pero Vaz de Caminha a El-Rei D. Manuel sobre o achamento do Brasil*. Edição fac-símile de Jaime Cortesão. São Paulo: Martin Claret, 2003.

\_\_\_\_\_. A Carta de Pero Vaz de Caminha. In: *Só História*. Virtuoso Tecnologia da Informação, 2009-2022. Transcrição Paleográfica com os 14 fólios está disponível em: [https://purl.pt/162/1/brasil/obras/carta\\_pvcaminha/index.html](https://purl.pt/162/1/brasil/obras/carta_pvcaminha/index.html).

CAMÕES, Luis de. *Os Lysíadas*. Com privilegio Real. Lisboa: em casa de Antonio Gonçalvez, 1572. Transcrição fac-similada disponível em: <https://archive.org/details/oslusiad00cam/page/n61/mode/2up>.

CARDEIRA, Esperança. *O essencial sobre a história do português*. Lisboa: Editorial Caminho SA, 2006.

\_\_\_\_\_. Português Médio – uma fase de transição ou uma transição de fase. *Domínios de Lingu@gem, Revista Eletrônica de Linguística*, Ano 3, n. 2, Uberlândia, 2º Semestre 2009. Disponível em: [https://www.researchgate.net/publication/277770502Revisitando\\_a\\_periodizacao\\_do\\_Portugues\\_o\\_Portugues\\_Medio](https://www.researchgate.net/publication/277770502Revisitando_a_periodizacao_do_Portugues_o_Portugues_Medio).

\_\_\_\_\_. Do português médio ao clássico: o Cancioneiro Geral de Garcia de Resende. In: HERRERO, E.C.; RIGUAL, C.C. (Eds.). *Actas del XXVI*

*Congreso Internacional de Linguística y de Filología Románicas* (Valencia 2010). Vol. I, p. 543-54. De Gruyter, 2013.

\_\_\_\_\_. O galego nos textos metalinguísticos portugueses (séculos XVI-XIX). *Revista Galega de Filoloxía*, v. 16, p. 75-105, 2015. Disponível em: [file:///C:/Users/Mario/Downloads/O\\_galego\\_nos\\_textos\\_metalinguisticos\\_por.pdf](file:///C:/Users/Mario/Downloads/O_galego_nos_textos_metalinguisticos_por.pdf).

\_\_\_\_\_. A relatinização do português: problemas e desafios. In: SALOMÃO, S.N. (Org.). *Temas da língua portuguesa: do pluricentrismo à didática*. Roma: Edizione Nuova Cultura, 2020. p. 35-52

CARVALHO, Maria José. Tópicos de periodização na história da língua portuguesa. *Revista Galega de Filoloxía*, n. 20, p. 35-65, 2019. DOI: <https://doi.org/10.17979/rgf.2019.20.0.5916>.

CASTRO, Ivo. *Historia de la lengua portuguesa*. Trad. de Beatriz Peña Trujillo. Bogotá: Publicaciones del Instituto Caro y Cueva, 2013.

\_\_\_\_\_. *Introdução à história do português*. 2. ed., Revista e muito ampliada. Lisboa: Edições Colibri, 2006.

COUTINHO, Ismael de Lima. *Pontos de gramática histórica*. 7. ed. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1976.

HAUY, Amini Boainain. *História da língua portuguesa séc. XII, XIII e XIV*. São Paulo: Ática, 1989.

LOPES, Fernão. *Crônicas de D. Pedro I e D. Fernando*. Por Gomes Eanes de Zurara. Lisboa: [S.n.] 1380?-1460. Disponível em: <https://bndigital.bnportugal.gov.pt/indexer/index/reservManuscritos/aut/PT/46408.html>.

MAGNE, Augusto. *Demanda do Santo Graal*: Reprodução fac-similar e transcrição crítica do códice 2594 da Biblioteca Nacional de Viena. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1955. Extracto (fl I), Projeto Vercial. Disponível em: <http://alfarrabio.di.uminho.pt/vercial/graal.htm>.

MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia. Novas contribuições para a história da língua portuguesa: ainda os limites do português arcaico. *Revista Diadorim 2, Artigos inéditos – Língua e Sociedade*, dez. 2007. Disponível em: [file:///C:/Users/Mario/Downloads/Novas\\_contribuicoes\\_para\\_a\\_historia\\_da\\_lingua\\_port%20\(1\).pdf](file:///C:/Users/Mario/Downloads/Novas_contribuicoes_para_a_historia_da_lingua_port%20(1).pdf).

\_\_\_\_\_. *O português arcaico: fonologia, morfologia e sintaxe*. São Paulo: Contexto, 2006.

*Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos*

\_\_\_\_\_. Novos indicadores para os limites do português arcaico. *Revista da ABRALIN*, v. III, n. 1 e 2, p. 259-68, julho e dezembro de 2004. Disponível em: <https://revista.abralin.org/index.php/abralin/article/view/936/863>.

\_\_\_\_\_. Notas sobre avaliações linguísticas nos gramáticos Fernão de Oliveira e João de Barros. In: \_\_\_\_; MACHADO FILHO, A.V.L. (Orgs). *O Português quinhentista: estudos linguísticos*. Salvador: EDUFBA; Feira de Santana: UEFS, p. 43-60

\_\_\_\_\_. *O português arcaico: morfologia e sintaxe*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2001a. (Coleção Repensando a Língua Portuguesa)

\_\_\_\_\_. *O português arcaico: fonologia*. 4. ed. São Paulo: Contexto, 2001b. (Coleção Repensando a Língua Portuguesa)

\_\_\_\_\_. (Org.). *A Carta de Caminha: testemunho linguístico de 1500*. Salvador-BA: UFBA, 1996.

\_\_\_\_\_. *Estruturas trecentistas: elementos para uma gramática do português arcaico*. Rio de Janeiro: Casa da Moeda, 1989.

NOBILING, Oskar. *As Cantigas de D. Joan Garcia de Guilhade (trovador do século XIII)*. Erlangen: K. B. Hof und Univ. 1907. Buchdruckerei von Junge e Sohn. (Edição crítica, com notas e introdução). Disponível em: <https://www.portalcatarina.ufsc.br/documentos/?action=download&id=10210>.

NUNES, José Joaquim. Poesia Palaciana. In: \_\_\_\_\_. *Crestomatia arcaica*. Lisboa/Rio de Janeiro: Sociedade Editora Portugal-Brasil, 1921?. p. 451-527. Disponível em: [file:///C:/Users/Mario/Downloads/crestomatia-arcaica-por-jose-joaquim-nunes\\_compress.pdf](file:///C:/Users/Mario/Downloads/crestomatia-arcaica-por-jose-joaquim-nunes_compress.pdf).

\_\_\_\_\_. *Compêndio de gramática histórica portuguesa: Fonética e Morfologia*. Porto: Imprensa Portuguesa, 1969.

GARCIA DE RESENDE. *Cancioneiro Geral*. Nova Edição. Preparada pelo Dr. A. J. Gonçalves Guimarães. TOMO V. Coimbra: Imprensa da Universidade, 1817. Disponível em: <https://archive.org/details/cancioneirogeral00reseoft/page/n11/mode/2up?view=theater>.

SAID ALI, Manoel. *Gramática histórica da língua portuguesa*. 5. ed. São Paulo: Melhoramentos, 1965. Disponível em: <https://archive.org/details/M.saidAli.grammaticaHistoricaDaLinguaPorugueza/page/n19/mode/2up?view=theater>.

\_\_\_\_\_. *Lexeologia do português histórico*. São Paulo: Melhoramentos, 1921.

SILVEIRA BUENO, F. da. *A formação Histórica da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1955. (Biblioteca Brasileira de Filologia, n. 6)

TEYSSIER, Paul. *História da língua portuguesa*. Trad. de Celso Cunha. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2004. Título original: *Histoire de la langue portugaise*, 1980.

VASCONCELLOS, José Leite de. *Lições de Philologia Portuguesa*. Lisboa: Livraria Clássica, 1959 [1911].

VASCONCELOS, Carolina Wilhelma Michaëlis de. Guarvaia. *Cancioneiro da Ajuda*. Edição crítica e comentada. Halle: Max Niemayer, 1904. Vol. I e II. Disponível em: <https://archive.org/details/cancioneirodaaju01vascuoft/page/xii/mode/2up> e <https://archive.org/details/CancioneiroDaAjuda/page/n5/mode/2up>.

\_\_\_\_\_. *Lições de Filologia Portuguesa*. Lisboa: Revista de Portugal, 1956. (Tomos: I, II, III e IV)

ZURRARA, Gomes Eanes de. *Cronica dos gramdes e notavees feitos do ilustre e muito nobre S[e]ñor Dom Pedro de Meneses Conde de Villa Reall primeiro Capitam e Governador que foy na cidade de Ceita*. [S.l.]: [S.n.], 1410–1475?. Disponível em: <https://purl.pt/31516/2/>.